

A Importância da Intertextualidade e da Informatividade na Formação dos Leitores: A Aquisição dos Sentidos no Veículo "Jornal" em Três Gêneros Distintos - A Crônica, A Notícia e A Charge

THE IMPORTANCE OF INTERTEXTUALIDADE AND THE INFORMATIVITY FOR THE READERS FORMATION: THE ACQUISITION OF THE SENSES IN THE VEHICLE "NEWSPAPER" IN THREE DISTINCT GENERA – THE CHRONIC, THE NEWS AND THE CHARGE

Hilma Ribeiro MENDONÇA *

Resumo: A leitura, assumida como um processo interacionista, necessita que os leitores façam recorrências a conhecimentos previamente adquiridos para ser, de fato, processada. O jornal, embora seja tradicionalmente um veículo comum para todos os níveis da sociedade, usa em seus gêneros recursos como a Intertextualidade e Interdiscursividade, o que torna seus textos altamente informativos. A análise de três textos: a crônica, a notícia e a carga mostram a necessidade de ativar o conhecimento prévio para que os sentidos sejam acessados por meio de tais recursos discursivos.

Palavras-chave: Leitura; Conhecimentos; Gênero.

Abstract: The reading, assumed as interactionist process, requires the readers to resort to previously acquired knowledge to be, in fact, be processed. The newspaper, although it is traditionally a common vehicle

* Professora, doutoranda, inserida na linha de pesquisa de Ensino de Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Contato: hilmaribeiorj@yahoo.com.br.

for all levels of society uses resources in their genres as Intertextuality and Interdiscursivity, which makes his texts highly informative. The analysis of three texts: the chronic, the news and the charge show the need to activate the prior knowledge that the senses are affected by such discursive resources.

Key-words: Reading; Knowledge; Genre.

Introdução

O presente artigo tem por finalidade contextualizar a importância da leitura e das habilidades necessárias a tal fenômeno pelos indivíduos. Para tanto, ressaltaremos alguns aspectos próprios da composição textual e discursiva dos enunciados a fim de mostrar sua importância no processamento cognitivo e, conseqüentemente, na leitura.

Por acreditar que a leitura deve ser concebida como um processo interacionista que dependerá, incontornavelmente, do acionamento dos conhecimentos e habilidades discursivas dos indivíduos, ressaltaremos a importância do conhecimento prévio, postulado por Kleiman (2000, 2004) para o processamento textual dos sentidos.

A perspectiva ora proposta adquire grande importância, principalmente, se considerarmos a questão da culminância dos gêneros discursivos e de aspectos textuais para a leitura e, conseqüentemente, na sua aplicação na vida social dos indivíduos, alinhando-nos ao pensamento de Bakhtin (1997) acerca dos enunciados aplicados às atividades humanas.

As atuais demandas discursivas requerem dos indivíduos um domínio cada vez mais amplo do uso da linguagem, uma vez que sociedade vem criando e recriando diferentes gêneros nas atividades de interação verbal, o que demandará, dos indivíduos, um reportamento a diferentes tipos de conhecimentos, dadas as peculiaridades discursivas dos enunciados. Apenas obterão êxito na comunicação e, na vida social, aqueles indivíduos que conseguirem ter o domínio de habilidades lingüísticas específicas.

Tais mudanças nas atividades comunicativas – que são próprias das diferentes atividades de interação humana, conforme postula Bakhtin (1997) – requerem, portanto, o desenvolvimento da proficiência nos

inúmeros usos da Língua, pressupostos pelas diferentes situações sociais, organizadas nos diferentes gêneros. O uso da Língua é, portanto, uma condição para a aceitação e socialização dos indivíduos.

Por outro lado, ainda que as demandas comunicativas requeiram uma grande habilidade no uso da linguagem, tanto na modalidade oral, quanto na modalidade escrita, verifica-se que não existe, por parte da instituição escolar, o êxito no desenvolvimento de tais proficiências discursivas.

O presente artigo pretende, portanto, apresentar alguns pressupostos teóricos com vistas a contribuir para as atuais demandas, fornecendo certos subsídios teóricos acerca da Leitura e do conhecimento prévio, focalizando alguns componentes textuais importantes para o entendimento desse fenômeno e, conseqüentemente, contribuindo com as questões relativas à pesquisa e ao ensino da leitura.

Vislumbrando fornecer tais pressupostos teóricos, ressaltaremos a importância do conhecimento prévio, exposto textualmente por meio de fenômenos tais como a Intertextualidade, Interdiscursividade e da Informatividade, por considerá-los componentes essenciais no processamento textual, conforme postulado por Koch (1995). Tais perspectivas discursivas irão afetar, grandemente, o fenômeno da Leitura, já que este é, incontornavelmente, um processo interativo.

Observaremos, para aplicar a teoria ora apresentada, como esses recursos discursivos são apresentados em três gêneros distintos – a crônica, a notícias e a charge – que, embora sendo textos largamente utilizados pelos diferentes jornais, podem não ter o seu sentido atingido, de forma satisfatória, por conta do não acionamento de tais recursos pelos leitores.

1 Leitura e conhecimento prévio

A leitura de determinado texto está diretamente ligada à questão dos sentidos que serão expressos por meio desse enunciado. Isso porque partimos do pressuposto de que deve haver o acionamento de diferentes conhecimentos por parte dos leitores, a fim de haja compreensão do que é exposto superficialmente.

Dessa forma, a leitura de uma carta pessoal ou de um bilhete, por exemplo, não requererão dos seus interlocutores os mesmos

conhecimentos que um documento jurídico ou uma carta comercial impõem, uma vez que as atribuições sociais desses gêneros são distintas, o que se refletirá na natureza dos seus sentidos.

Os conhecimentos necessários à leitura estão, por conta disso, diretamente ligados à composição discursiva dos diferentes gêneros e isso nos remete, então, à natureza dos sentidos que serão expostos na sua superfície textual.

Dessa forma, ao contrário do que se pensa, a leitura não se concretiza quando, apenas, olhamos para o conteúdo linguístico exposto na folha de papel, pois serão necessários diferentes tipos de conhecimentos para que o leitor consiga extrair os sentidos da superfície textual. De acordo com Ângela Kleiman,

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento [...], que o leitor consegue construir o sentido do texto [...] (KLEIMAN, 2000, p. 13)

O leitor, ao observar determinado texto, irá acionar os conhecimentos adquiridos em sua vida para fazer com que os sentidos sejam atribuídos a partir da superfície textual dos enunciados. Nesse caso, não é de se estranhar o fato de haver discrepâncias na leitura de um único texto por indivíduos de diferentes grupos sociais. Pode haver, nesse caso, o acionamento de conhecimentos adquiridos pelas pessoas, individualmente, que irão colaborar, mais ou menos, na atribuição dos sentidos que são expostos na superfície enunciativa.

Por isso, uma questão importante a esse respeito é o fato de que deve haver sempre um equilíbrio entre o que é exposto no texto e, portanto, o que está autorizado na superfície textual e o que deve ou não ser inferido, cognitivamente, pelos leitores, a partir de seus conhecimentos.

Esses conhecimentos, por outro lado, são indispensáveis, pois irão nortear, em todo momento, o processamento da leitura pelos indivíduos, influenciando, inclusive no tempo necessário para ler determinada parte do texto, conforme salienta Kleiman (2004).

Nesse caso, é válido ressaltar que, inclusive a movimentação dos olhos durante a leitura não é contínua, pois haverá interrupções provocadas pela facilidade ou dificuldade de o leitor atribuir sentidos em determinada parte do texto.

Dessa forma, inclusive as questões ligadas à percepção visual estarão, também, diretamente ligadas à facilidade na identificação de uma ou outra informação exposta no texto. Apenas mediante a satisfação do entendimento de um determinado assunto é que o leitor passará a outros pontos no texto.

Os saberes que auxiliam na decodificação das informações são, contudo, de natureza diversa. A autora em questão subdivide, então, o *conhecimento prévio* em três tipos diferenciados, a saber: *o conhecimento linguístico, o conhecimento de mundo e o conhecimento textual*.

O *conhecimento linguístico* é aquele concernente às diferentes línguas naturais e diz respeito à capacidade que os indivíduos têm de se comunicarem em determinado idioma. No seu domínio, está a habilidade de formar sequências linguísticas gramaticalmente aceitáveis de modo a usar os recursos que a língua oferece na produção dos enunciados.

O *conhecimento de mundo* é aquele que nos habilita a reconhecer determinadas informações que dizem respeito não a questões de cunho linguístico, mas sim àquilo que diz respeito ao reconhecimento das informações expostas na superfície textual, de modo a saber de qual assunto está sendo tratado.

Por outro lado, a leitura de determinado gênero irá explorar mais um ou outro *domínio discursivo*, conforme postulado por Marcuschi (2005), refletindo certo “mundo discursivo” que esse gênero pressuporá. Uma carta comercial refletirá o mundo discursivo das empresas de que ela trata, a conversa telefônica refletirá o mundo discursivo dos sujeitos que se comunicam por ela, da mesma forma, todos os outros gêneros irão refletir o que é requerido, discursivamente, pelos contextos de suas enunciações.

Já o *conhecimento textual* não opera com questões ligadas à língua ou às informações em si, mas se manifesta por meio da macroestrutura de determinado texto, sendo o responsável pelo reconhecimento de um gênero, por exemplo.

É interessante ressaltar que algumas estruturas linguísticas cristalizadas como “era uma vez”, entre outras, auxiliam os indivíduos a reconhecerem a parte introdutória que caracteriza certos gêneros textuais. Nesse caso, quando se lê no texto essa introdução, o leitor, remetendo-se ao seu conhecimento prévio, reconhece o gênero “conto de fadas” e, a partir daí, existe uma preparação cognitiva para ele possa prever elementos como “magias”, “reinos” “fadas”, “bruxas” e “princesas” que são componentes básicos desse gênero textual em particular.

Esses três tipos de conhecimentos, elencados por Kleiman (2000) serão bastante peculiares em cada um dos gêneros discursivos, ocorrendo necessidades específicas de acionamento cognitivo, por conta de tais utilizações de saberes.

A consideração do conhecimento prévio na leitura nos faz atentar para o fato de que não é possível discutir sobre leitura sem compreendê-la como um processo interativo, tanto no que diz respeito ao seu processamento visual, quanto ao que diz respeito às estratégias de ordem cognitiva, com a ativação do conhecimento prévio.

Nesse caso, conforme temos salientado no presente trabalho, estamos tratando a leitura como um “processo” e não um “produto”, na medida em que, ela dependerá, tanto das informações que estão predispostas na superfície dos textos, como do conhecimento dos indivíduos em determinado assunto, com o acionamento do conhecimento prévio. Descarta-se, portanto, a ideia de que, apenas, a colocação de informações nos textos e o passar dos olhos sobre os mesmos represente o que vem a ser, de fato, leitura.

2 Alguns aspectos discursivos: a interdiscursividade, a intertextualidade e a informatividade

Conforme visto na seção anterior, a presença de conhecimentos oriundos de diferentes domínios discursivos influenciará, diretamente, na composição dos enunciados.

Qualquer gênero será, portanto, norteado pela presença do que pode ser chamado de formas *interdiscursivas*, das quais ele irá eclodir. Assim, o conhecimento de tais fontes discursivas é uma condição para que os sentidos sejam processados, textualmente.

Dá-se, então, a necessidade de conhecer o fenômeno da Interdiscursividade, que é um componente essencial da composição discursiva, na medida em que, muitas vezes, o conhecimento prévio é acionado por meio do reportamento a determinados interdiscursos. Por consequência, tal fenômeno de construção discursiva será, portanto, um importante componente ao pensarmos na construção dos sentidos textuais, por meio da leitura.

Em um sentido mais amplo, podemos conceber interdiscurso como o “conjunto das unidades discursivas [...] com as quais um discurso particular entra em contato em relação implícita ou explícita” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 286).

Nesse sentido, podemos nos remeter, por extensão ao conceito de Dialogismo, desenvolvido, sobretudo, a partir dos estudos de Bakhtin (1997). Para o autor, todos os enunciados mantêm relações discursivas com os enunciados produzidos anteriormente, de modo que, não existe produção lingüística sem a influência prévia de outros discursos.

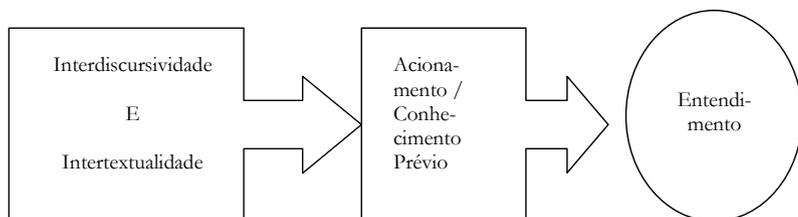
Dessa forma, a Interdiscursividade será um componente discursivo intrínseco de qualquer texto, embora tal elemento possa não ser tão aparente. Quando falamos desse fenômeno, mais próprio da discursividade, conceito mais amplo, podemos, ainda, cotejá-lo com outro fenômeno da produção verbal, mais restrito, que é a Intertextualidade. Isso porque, se toda a produção verbal se dá por meio da recorrência a enunciados anteriores, podemos verificar uma maior ou menor incorporação, com relação à presença enunciativa, nos produtos verbais, expressos por meio do texto.

Nesse sentido, o interdiscurso, que, muitas vezes pode não ser aparente, diferencia-se do intertexto, que é a presença marcada de enunciados, culturalmente difundidos, postos de forma explícita na superfície textual. Podemos definir intertexto como “o conjunto de fragmentos convocados (citações, alusões, paráfrase...) em um *corpus* dado” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 289), de modo que, existirá, na superfície textual, uma remissão a outros textos, culturalmente difundidos e anteriormente produzidos.

Pode-se dizer, então, que o Interdiscurso (conceito mais amplo; parte imaterial) estaria para o discurso assim como o Intertexto (conceito mais restrito; parte material) estaria para o texto. Ambos, porém, irão requer dos interagentes a habilidade de recorrer a conhecimentos e

saberes adquiridos anteriormente, a fim de que haja o entendimento satisfatório do que está sendo colocado em determinado produto verbal.

Podemos verificar o que está sendo dito, até então, de forma mais clara, por meio do esquema a seguir:



Propriedades formais da produção verbal, portanto, como os recursos da Interdiscursividade e da Intertextualidade devem estar calibradas com o conhecimento prévio dos interagentes, a fim de que haja, de fato, nesse caso o entendimento do que é exposto em um texto.

Tal perspectiva deve ser pensada, então, se se pretende desenvolver o trabalho com a leitura no ambiente escolar, por exemplo. Os questionamentos em torno do processo de leitura e da proficiência em escrita (por extensão) deveriam considerar, portanto, como os conhecimentos expostos na superfície textual podem ser trabalhados, de modo a facilitar a compreensão dos sentidos.

Quando os sentidos não são atingidos, em decorrência de lacunas de conhecimento prévio não adquirido, compreender o que é exposto por meio da recorrência a outros interdiscursos ou intertextos, torna-se uma tarefa dificultosa.

Nesse sentido, remetemo-nos também a um terceiro componente discursivo denominado “Informatividade” textual. A informatividade, considerada tanto como componente textual (MARCUSCHI, 2008), quando como fator de coerência (KOCH, 1995), mostrará os graus de dificuldade atingidos pelos leitores, no momento em que determinado texto é processado, por meio da leitura.

A informatividade está ligada, diretamente, ao maior ou menor grau de expectativa no recebimento de determinadas informações,

expostas na superfície textual. Essa expectativa estará relacionada, por outro lado, com o reconhecimento das informações do texto, que requererá dos indivíduos determinadas habilidades de decodificação do que exposto textualmente.

O nível de entendimento das informações no texto estará, portanto, diretamente relacionado com o que pode ser mais ou menos assumido, cognitivamente, pelos leitores, de modo que, informações não esperadas causarão maior esforço para compreensão do que é exposto textualmente.

Tais concepções acerca da informatividade remetem-nos ao que mostra Marcuschi (2007) acerca do conceito da interpretabilidade, que, para o autor, é um elemento que está também ligado às condições de acesso a determinado texto. Segundo ele, um texto, para ser inteligível, deve predispor informações de modo a “dizer de forma interpretável a partir das condições presentes (ou inferíveis) no universo discursivo em andamento, seja ele no formato do discurso oral ou escrito. Explicitar equivaleria a criar condições de acesso” (MARCUSCHI, 2007, p. 40)

Por conta da maior ou menor probabilidade de extração dos sentidos, postula-se que existem níveis de informatividade textual, uma vez que a apreensão dos conteúdos será mais ou menos viabilizada, conforme a previsibilidade das informações. Assim, pode-se dizer que, quanto mais previsíveis, menor será o grau de informatividade, e, quanto menos esperadas, maior o nível da informatividade textual.

De acordo com Koch (1995), em consonância com Beaugrande e Dressler (1972), existem três níveis (ou graus) de informatividade, que serão estipulados de acordo com a previsibilidade das informações no nível textual. Quanto menos previsíveis, maior esforço cognitivo o leitor precisará fazer para extrair informações, quanto mais previsíveis, menos esforço determinado texto exigirá.

Se um texto contiver apenas informação esperada/previsível dentro do contexto, terá um grau de informatividade baixo (grau 1); se, a par da informação esperada/previsível em um dado contexto, o texto contiver informação imprevisível/não-esperada, terá um grau médio de informatividade (grau2). Finalmente, se toda informação do texto for inesperada/

imprevisível, o texto poderá, à primeira vista, parecer incoerente, exigindo um esforço maior para calcular-lhe o sentido (grau 3 de informatividade). (KOCH, 1995, p. 81)

Relacionando o que está sendo colocado, a respeito da Informatividade com as informações expostas, textualmente, por meio de recursos de composição como a Intertextualidade e a Interdiscursividade, poderemos medir os níveis de entendimento de um texto.

O que podemos vislumbrar, com respeito a esses três fatores, em relação ao trabalho de leitura/compreensão é que, tais elementos não são apenas componentes da produção verbal, mas estão relacionados, diretamente, com a proficiência em leitura e atribuição dos sentidos pelos indivíduos.

Não é de se estranhar, que, por exemplo, alguns textos, por conterem grandes níveis de informatividade não serem trabalhados no cotidiano escolar, quando tratamos do ensino da Língua.

Nesse caso, podemos citar certos gêneros como a crônica, a charge e o artigo de opinião, que, entre outros, podem provocar dificuldades na leitura dos indivíduos, por conta do uso de recursos lingüísticos como a Intertextualidade e a Interdiscursividade. Tais gêneros, por fazerem alusão a fatos do cotidiano, muitas vezes de forma jocosa ou ilustrativa, podem causar lacunas não resgatáveis de sentido, em decorrência da falta de determinado conhecimento prévio, exposto por meio de intertextos ou interdiscursos.

Partindo desse princípio, exporemos, a seguir, três exemplos de textos que podem vir a ser altamente informativos por conta de tais recursos lingüísticos. Em seguida, falaremos da questão do trabalho com a leitura no cotidiano escolar, mostrando como a perspectiva teórica em tela pode indicar caminhos para a melhora no processo de ensino.

3 Análise da Intertextualidade, Interdiscursividade e Informatividade em três gêneros do jornal: a crônica, a notícia e a charge

Texto 1:

Homem que é homem

Homem que é homem domingo à noite liga a televisão para ver todas as mesas-redondas que estão passando, mas no último fim de semana eu confesso que vi mesmo foi o *Fantástico*. Tinha um quadro com esse mote. Homem que é homem **não come suflê, não faz alongamento, não fala ‘enquanto gente’, não usa batom para evitar o ressecamento dos lábios**. Também não fica elogiando o brucutu ao lado assim sem mais nem menos. Mas, se ninguém sabe mais muito bem o que é esse homem de verdade, eu me aproveito da confusão reinante para dizer que o quadro é das melhores coisas da televisão. Mandaram bem, meninos, meu eu interior vibrou a nível de holístico.

Homem não dá ibope na televisão e o quadro já sai do ar este domingo. Agora até as **mesas-redondas de futebol**, como as da **MTV** e da **SportTV**, lançam um olho de sedução para a audiência feminina. E tome ***Sex and the city, Superbonita*** e dezenas de atrações discutindo **o que passa por debaixo da balaiage delas**. “Homem consome menos” - descobriram os sabichões. “Fale com ela” - descobriu **Almodovar**, e o cara da grade televisiva acreditou. A atração do *Fantástico* era um cavanhaque, uma costeleta de exceção, bem-humorada, no debate sobre o que vai por baixo dos suspensórios deles. Se eu entendi alguma coisa, havia **sotaques viris em nordestês e outros doces em neymatogrossês**, homem que é homem hoje não tem a mínima noção do que seja isso.

Eu tenho conhecimento, uma colega aqui do B me contou que já há **homens telefonando no dia seguinte**, uma eterna reclamação delas. Da mesma maneira que outros continuam nem aí, **neanderthal total**, desinteressados em pegar com elas qualquer informação de como se chega, qual atalho pegar, na tal rodoviária Ponto G. O território masculino tem mais facções que **xiitas e curdos em Bagdá**. Além de não discutir a relação, não comer canapé nem salsinha, o homem que

é homem do *Fantástico* não joga **futebol no meio de campo** - é **cabeça de área**. Ou **beque**. Eu daria uma terceira opção: ou fica de um lado para o outro, rebolando como o Robinho, o homem que é o futuro do futebol brasileiro.

Há muitas possibilidades de **ser másculo** hoje em dia e a melhor de todas talvez seja a de não precisar posar mais de homem, nem mesmo se for com um terninho lindo, preto com falsas listas de giz, que saiu na **coleção de inverno do Alexandre Hercovitch**. Foi uma revolução - um **texto testosterona** não devia incluir essas palavras, mas lá vai - passiva. As mulheres a fizeram e só nos cabe agradecer. Foram à luta, de início para conseguir direito ao voto, e hoje conseguem ser respeitadas até pelo direito de beliscar o bumbum do Gianecchini se cruzarem com ele na rave. O homem, acuado, aceitou ficar menos. Um pitadas do perdedor **Hommer Simpson**. Uma nonchalance diversionista, tipo assim, **Boy George**. O resultado, pasmem!, é bom.

Eu tenho um amigo gaúcho, jornalista, que fala muito grosso, e ele me disse dia desses, epidermicamente sensibilizado, que está adorando **fazer pilates**. Não disse "a-do-ran-do", o que tornaria tudo diferente. Ele está adorando o pilates porque se sente mais solto, ou mais disposto, não me lembro bem. Sugeriu até que eu parasse com a **musculação**. "Embrutece a articulação, tchê", desdenhou.

Esse novo '**homem que é homem**' pode até **saber a diferença entre celulite e estria**, mas, diante da choradeira delas por causa do infortúnio estético, perguntam incrédulos, como cego aos apalpos: "onde? onde?". Desconhecem-lhes as imperfeições, ajoelham-se às súplicas por mais preliminares. **O homem-pilates** não quer mais saber do bafo no cangote do machismo - e se ainda se faz necessário novo exemplo aqui está o ensaio do fotógrafo Jorge Bispo. Ele propôs a um grupo de atores, homens acima de qualquer suspeita, como Fábio Assunção, que se vestissem de... noiva. Todos aceitaram. De graça. Pelo simples prazer de experimentarem o frissom por baixo dos panos ou qualquer outra viagem mais particular a que quisessem submeter suas enzimas.

No quadro do *Fantástico*, os homens deixam Mariana Ximenes esperando na porta do vestiário e partem para a briga. Não disputam a loura. Instigados a pensar no nome que usariam se virassem travesti - se precisassem por uma necessidade cármica deixar vazar, Lapa afora,

a última flor do macho carioca - eles saem no pau porque todos queriam usar como travencas o mesmo nome de Záfine. Sem dúvida, e o jogador Edilson que voltou ao Flamengo com a sobrançelha depilada concordaria comigo - taí, um lindo nome.

[...]

(JB, 30/04/2003, disponível no *site*: <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/colunas/joaquim/>, acessado em 28/12/2009).

Texto 2:



(Jornal Meia Hora, capa de 17/04/2008)

Texto 3:



(Jornal O Dia, 08/05/2009)

Os três textos trazidos para a presente seção têm em comum a utilização de intertextos e interdiscursos em sua composição textual e, como consequência, podem provocar o aumento do nível de Informatividade na sua superfície discursiva. Tais recursos textuais requerem, portanto, o acionamento de conhecimentos previamente adquiridos, que tratam de temas socialmente difundidos, para que os leitores consigam atingir a compreensão de forma mais facilitada. Tais textos também reforçam a importância desses recursos para a leitura, que devem ser acionados em três gêneros distintos, tanto quanto à linguagem, como quanto à estilística.

Isso comprova que, embora o jornal seja um veículo largamente difundido, seus gêneros não deixam de escapar à necessidade de

acionamento de habilidades cognitivas previamente adquiridas, que são fundamentais para o atingimento dos sentidos. Também é válido ressaltar que, os três textos, retirados de três jornais distintos, e, portanto, com públicos distintos, não deixam de pressupor o desenvolvimento de tais habilidades de leitura. Analisemos, portanto, as presenças intertextual e interdiscursiva nos textos escolhidos, a fim de dimensionar a importância dos saberes previamente adquiridos para a Leitura.

O **primeiro exemplo**, uma crônica exposta no Jornal “JB”, faz alusões a formas lingüísticas próprias do domínio discursivo masculino e feminino, revelando, portanto, a presença do fenômeno da Interdiscursividade.

Ao afirmar que o homem “não come suflê, não faz alongamento, não fala ‘enquanto gente’, não usa batom para evitar o ressecamento dos lábios”, J. F. dos Santos, autor da crônica, mostra uma oposição de comportamentos entre homens e mulheres, fazendo alusões ao modo típico de vida dos dois gêneros e, portanto, inserindo os domínios discursivos próprios de ambos os sexos no texto.

A mesma oposição continua acontecendo ao longo da crônica com a citação de programas televisivos assistidos por homens e mulheres, tais como: “mesas-redondas de futebol/ da MTV e da SportTV, Sex and the city e Superbonita”. Essa oposição é feita, também, com a alusão ao comportamento feminino ao citar “o que passa por debaixo da balaiage delas” e com a menção do cineasta espanhol “Almodóvar”, que teria grande identidade com o público feminino.

Para continuar reforçando a interdiscursividade e, de modo jocoso, o autor usa o recurso de neologismos nos exemplos “sotaques viris em nordestês e outros doces em neymatogrossês”, explorando o modo de comportamento próprio de homens e mulheres. Nesse caso, a forma de falar do nordestino e a do cantor Ney Matogrosso demonstra, segundo J. F. dos Santos, o modo de falar próprio feminino e masculino.

O autor começa a explorar o nascimento do “novo homem” quando explica a existência daqueles “homens telefonando no dia seguinte”, o que demonstra um novo perfil de comportamento, que seria representado pelos indivíduos mais predispostos ao envolvimento

amoroso após certo “encontro romântico”. No mesmo parágrafo, contudo, ainda restam menções a comportamentos tipicamente masculinos, quando o autor cita “neanderthal total”, revelando seu embrutecimento, e algumas posições do futebol, tais como “futebol no meio de campo”, “cabeça de área” e “beque.” Ainda nesse parágrafo, ocorre, também, a citação do comportamento belicoso dos árabes, para mostrar os diferentes grupos masculinos, quando menciona os “xiitas e curdos em Bagdá”, que são as facções existentes nesse território geográfico.

Continuando a mostrar as diferenças dos grupos masculinos, no parágrafo seguinte o autor contrapõe “ser másculo”, em referência ao seu “texto testosterona” e ao personagem “Hommer Simpson”, com outros elementos que representariam esse “novo homem” como o cantor Boy George. No parágrafo seguinte, explorando essa mesma temática, o autor diz que esse novo homem sabe “a diferença entre celulite e estria”, e denomina-o de “homem-pilates”.

Finalizando o texto, o último parágrafo se utiliza da intertextualidade literária, ao explorar a “última flor do macho carioca”, quando se refere à “Lapa”, bairro tipicamente boêmio do Rio e que ainda seria um refúgio masculino em meio a tantos conflitos de identidade.

Nesse texto, a presença interdiscursiva no gênero “Crônica”, o que faz com que tal leitura seja dependente do conhecimento prévio, que deverá subjazer o modo de comportamento, culturalmente adquirido, de homens e mulheres. Outros aspectos referentes Leitura também poderiam ser relacionados, contudo, passamos ao texto seguinte, nos atendo à questão do conhecimento prévio e de suas conseqüências na apreensão dos sentidos, que é o ponto central defendido no presente artigo.

O **segundo exemplo**, que contempla o gênero “Notícia”, usa de recursos verbais e não verbais para fazer alusão ao discurso da “violência policial”, que ficou concretizada, especialmente no Rio de Janeiro, pela alusão ao comentário do coronel carioca Marcus Jardim. O militar, em referência à epidemia da dengue, afirmou que a polícia seria o “frasco de inseticida” e os marginais “mosquitos do mal”, na tentativa de justificar os inúmeros casos de morte de criminosos e de

vítimas ocorridos na cidade. Nesse caso, o recurso da Interdiscursividade pode ser interpretado de diferentes formas, todas, contudo, requerentes do saber prévio dos leitores acerca desse comentário e do modo de agir da polícia fluminense, que se reflete no “discurso da violência”.

A primeira consiste mostrar o jornal que, em conivência com a prática agressiva da polícia, usaria a alusão a um frasco de inseticidas, abordando a questão da violência policial de forma imprudente, fazendo gracejos sobre como o crime é combatido no Estado.

A segunda, por outro lado, mostra a polícia, que deveria proteger à população, contudo, se utilizaria de um comportamento de total imperícia, colocando a vida dos cidadãos em risco ao manter a forma agressiva no combate à marginalidade. Essas e outras interpretações possíveis, irão requerer, por outro lado, o conhecimento do discurso primeiro, o do coronel, para compreender como o texto dialoga, interdiscursivamente.

A capa do jornal, ao por um frasco de inseticidas conhecido, que seria o da marca “SBP”, mostra que, inclusive para fazer leitura da chamada de notícias é fundamental o acionamento do conhecimento prévio para que os fatos possam ser relacionados.

O **terceiro exemplo**, que trata de uma “Charge”, gênero originalmente não verbal, faz uma alusão ao intertexto “estar com um parafuso a menos”, ditado popular, culturalmente difundido, requerendo, por isso, dos leitores, a habilidade de inferir tal intertexto e de relacioná-lo ao comportamento do jogador Adriano, do Flamengo. Verifiquemos como tal intertexto subjaz diferentes informações, o que eleva muito o nível de Informatividade do exemplo.

Adriano, que teria declarado não ter mais prazer de jogar futebol, deixaria o clube europeu Internazionale para voltar ao Brasil, e se aposentar. Pouco tempo depois de tal declaração, ele, contudo, fora contratado pelo clube carioca do Flamengo para jogar, e teria feito a afirmação de que estaria, novamente, disposto a recobrar a alegria de ser jogador.

Nesse exemplo, a intertextualidade não verbal requer dos leitores o acionamento de tais declarações, que devem fazer parte de seu conhecimento prévio, para que o texto seja compreendido, mediante a

visualização dos “parafusos que saem da cabeça da caricatura do jogador”. Isso demonstra que, tal recurso, mesmo quando não verbal, pressupõe dos enunciatários o acionamento de seu saber prévio, relacionado à presença intertextual para que os sentidos sejam atingidos.

A interação, portanto, apenas ocorrerá por meio do texto, com o processamento cognitivo dos conhecimentos discursivos, a fim de que haja compreensão satisfatória do que é exposto no gênero.

Os três exemplos, com peculiaridades lingüísticas tão distintas, relacionadas ao público, à temática e aos recursos de elaboração, mostram a importância dos componentes interdiscursivos e intertextuais para o acionamento dos sentidos. Tais exemplos demonstram, de modo prático, como as questões teóricas relacionadas devem ser percebidas durante o processamento da leitura e podem indicar algumas perspectivas para explicar os motivos do fracasso nos níveis de leitura hodiernamente atingidos.

Conclusão

A leitura, pressuposta como processo incontornavelmente interacionista, requer dos leitores a recorrência a conhecimentos previamente adquiridos para que possa, de fato, ser processada. O jornal, embora seja um veículo tradicionalmente comum para todas as camadas sociais, utiliza em seus gêneros recursos como a Intertextualidade e a Interdiscursividade, o que torna seus textos altamente informativos.

A análise de três textos: a crônica, a notícia e a charge revelam a necessidade do acionamento do conhecimento prévio para que os sentidos sejam atingidos por meio de tais recursos discursivos. Nesse caso, aspectos textuais tradicionais como a presença interdiscursiva, intertextual e o aumento da informatividade podem ser analisados, de modo prático no cotidiano de leitura dos indivíduos a fim de que haja novas perspectivas quanto à prática de ensino da Leitura.

Nesse caso, demonstrar aos alunos os discursos e intertextos que foram previamente elaborados poderá indicar pistas para que eles possam começar a ativar habilidades cognitivas mais refinadas durante o processo de Leitura. Relacionar os textos e discursos originais durante, por exemplo, uma aula de Língua Portuguesa pode promover

discussões em grupo a respeito dos conhecimentos acionados em determinado texto e tal tarefa poderá fazer com que os saberes individuais, de cada aluno, possam ser compartilhados pela turma.

Não nortear a leitura dos alunos, tornando-a dependente à do professor, mas sim, deixar que os estudantes consigam, por meio da ajuda mútua, atingir sentidos diversos, é um importante passo para que haja maior “independência cognitiva” do alunado. Essa independência será fundamental para que esses indivíduos, por exemplo, na vida adulta, possam ser mais proficientes quanto às diferentes necessidades de proficiência linguística que deverão surgir no seu cotidiano.

Os aspectos discursivos analisados, se vistos de um modo mais abrangente, podem ser muito importantes para verificar o que pressupõe os autores citados no presente artigo com respeito à importância da linguagem na interação, e dos seus desdobramentos para a vida social.

Não se pretendeu, contudo, com o presente trabalho, esgotar as possibilidades de análise de tais aspectos para a leitura e para o cotidiano de ensino dos professores. O que desejamos, contudo, é mostrar, de modo prático, como os fatores analisados estão presentes no cotidiano dos indivíduos, demonstrando que questões simples, como a leitura de um jornal, por exemplo, podem ser afetadas por falhas de desenvolvimento de habilidades lingüísticas/discursivas.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KLEIMAN, Ângela B. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2000.

_____. *Leitura: ensino e pesquisa*. 2 ed. Campinas: Pontes, 2004.

KOCH, Ingedore. *O texto: construção de sentidos*. O texto em perspectiva, Porto Alegre, v. 9, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.